

EDUCAÇÃO ARTÍSTICA E FORMAÇÃO EM ASC NA ESELx

Laurence Vohlgemuth *

Alfredo Dias **

Célia Martins ***

Joana Campos ****

Escola Superior de Educação de Lisboa */**/***/****

Instituto de Geografia e Ordenamento do Território **/***

Centro de Investigação e Estudos de Sociologia ****

laurence@eselx.ipl.pt *

adias@eselx.ipl.pt **

celiamartins@eselx.ipl.pt ***

jcampos@eselx.ipl.pt ****

Resumo

Atualmente, as novas tecnologias encurtam as distâncias, tornam cada um num potencial criador de produtos artísticos e oferecem a possibilidade de divulgar essas produções à escala mundial. Simultaneamente, as disciplinas artísticas evoluem e as categorias profissionais artísticas alteram-se. Estas mudanças sociais reforçam a pertinência de uma reflexão sobre a aparente contradição entre a expressão da singularidade artística de cada indivíduo e a apropriação por todos e por cada um, de um património partilhado de referências artísticas e culturais comuns. Perante esta complexidade, consideramos importante analisar o papel que podem desempenhar os animadores socioculturais na educação artística.

Na primeira parte deste texto, procuramos contribuir para a definição das dimensões da educação artística e as formas de integração dos valores culturais e artísticos em diferentes campos sociais. Na segunda parte, apresentamos a análise desenvolvida em torno da presença da educação artística (i) no currículo da Licenciatura em Animação Sociocultural da Escola Superior de Educação de Lisboa (ESELx), nas suas diversas componentes de formação, (ii) e nas práticas desenvolvidas pelos estudantes no final do seu percurso formativo.

Metodologicamente procedeu-se à análise da oferta formativa da Licenciatura em Animação Sociocultural da ESELx, no que diz respeito à inclusão curricular das diversas dimensões da educação artística. Realizou-se uma análise de conteúdo das Fichas de Unidade Curricular (FUC) do curso, nomeadamente no enunciado dos objetivos e conteúdos, distinguindo-as por áreas disciplinares e natureza teórica e/ou prática da formação. Deu-se ainda particular enfoque às unidades curriculares (UC) de Iniciação à Prática Profissional, tomando para o efeito os relatórios do 3.º ano do curso produzidos no âmbito do estágio curricular de intervenção, em contextos socioculturais diversificados. Pretendeu-se assim perceber como se organiza e concretiza curricularmente, na formação inicial de animadores socioculturais, as diversas dimensões da educação artística.

Palavras-chave: Educação Artística, Animação Sociocultural, Formação

Introdução

Nas sociedades contemporâneas, vários são os estudos mostrando que “le rôle des pratiques artistiques – et plus largement culturelles – sont en voie d’être reconfigurées et sont partie intégrante de la mutation de nos sociétés qui se dessine depuis les deux dernières décennies du XX^e siècle” (Henry, 2014, p. 21).

As novas tecnologias, com a introdução de aplicações cada vez mais sofisticadas e de preço (mais) acessível, tornam possível a cada um compor músicas, editar imagens, publicar poemas e distribuir as suas produções ao nível internacional. Deste modo, através de redes sociais, por exemplo, o sujeito pode transformar-se assim num criador com audiência global. Estas mesmas tecnologias permitem também o contacto com as mais valiosas coleções dos grandes museus mundiais, sem sair de casa.

A arte comunitária, por exemplo, reconfigura as relações que se podem tecer entre os artistas e os seus públicos, adquirindo estes últimos um papel de atores no processo criativo. As criações artísticas cruzam linguagens e os artistas polivalentes apresentam produtos multidisciplinares variados: espetáculo de teatro com recurso à linguagem coreográfica; bailado com texto dito pelos intérpretes; concerto com projeção de imagens...

Paralelamente a estas alterações de práticas, vigoram discursos que, por um lado, enfatizam a diversidade cultural e a expressão de cada um e, por outro lado, enobrecem a arte, a cultura e o património enquanto referências comuns fundamentais para a criação de identidade.

Neste texto, pretende-se dar um contributo para a compreensão do papel que podem desempenhar os animadores socioculturais perante a complexidade anteriormente apresentada. Começaremos por refletir sobre as finalidades e os objetivos definidos para a educação artística, analisando as suas diferentes dimensões. Tentaremos perceber de que forma a intervenção em animação sociocultural pode ter um papel social importante, contribuindo para que os objetivos fixados para a educação artística sejam alcançados.

Na segunda parte do texto, a análise incide sobre a oferta formativa da ESELx, nomeadamente através do currículo da Licenciatura em Animação Sociocultural desta instituição. Mais concretamente, a análise da presença das dimensões da educação artística nas diversas componentes de formação e nas práticas desenvolvidas pelos estudantes no final do seu percurso formativo. Metodologicamente desenvolve-se uma análise de conteúdo das Fichas de Unidade Curricular do curso, no enunciado dos objetivos e conteúdos, distinguindo-as por áreas disciplinares, natureza teórica e/ou prática da formação. Analiticamente consideram-se ainda os relatórios do 3.º ano do curso, produzidos no âmbito do último estágio curricular de intervenção em contextos socioculturais diversificados, enquanto objeto de análise para dar visibilidade às eventuais evidências do contributo destes formandos para a educação artística.

Educação artística

Atualmente, é consensual refutar que “le pouvoir de l’art était tel qu’il suffisait de favoriser sa manifestation. Le devoir de l’État est de faire que l’art touche le plus grand nombre possible” (Caune, 2005). Não é suficiente colocar um sujeito em presença de uma obra de arte para que se possa falar de acesso à arte. Torna-se necessária uma ação facilitadora do encontro entre a arte e o seu(s) público(s). Esta ação pode ser orientada essencialmente por valores estéticos ou democráticos (Heinich, 1998). Do lado dos valores estéticos, encontram-se a qualidade artística, os processos criativos, o mundo da arte, a inovação e a singularidade. Do lado dos valores democráticos, a igualdade de acesso à cultura, a democratização da arte, o direito à educação, a herança patrimonial e a identidade coletiva. Esta aparente dicotomia não é operante para definir as modalidades de aproximação da arte aos públicos:

Este processo de democratização tem então uma dupla perspectiva, a de alargamento de públicos e a de atenuação de distâncias entre recepção e criação, ou, como lhe chamaria Walter Benjamin, a promoção de uma recepção táctil que desloca o espectador da contemplação para formas de apropriação mais activas. (Centeno, 2008, p. 2988)

Em Portugal, até 1976, a ação cultural não se encontrava separada do sistema educativo, sendo da responsabilidade do Ministério da Educação. Desde 1976, a tutela da Secretaria de Estado da Cultura oscila entre Ministério da Educação e Primeiro-Ministro, tendo sido autonomizado em Ministério da Cultura nos IX, XIII Governos Constitucionais e seguintes. Em 2011, no XIX Governo Constitucional, deixou de constar o Ministério da Cultura, sendo substituído por um Secretariado da Cultura sob a tutela do Primeiro-Ministro. Este governo concebeu e desenvolveu a “Estratégia Nacional para a Educação e Cultura (ENEC), programa em articulação entre o Ministério da Educação e Ciência e o Secretário de Estado da Cultura, que pretende implementar um plano de ação a longo prazo, nas áreas da educação, das artes e da cultura”. (Direção-Geral da Educação, s. d.)

No Portal do Cidadão, na apresentação do Secretariado de Estado da Cultura, podem ler-se os objetivos para a Cultura definidos pelo Programa do Governo: “Promover a educação artística e para a cultura em todos os setores da sociedade, em coordenação com entidades públicas e privadas”. (Governo de Portugal, s.d.)

Na Lei de Bases do Sistema Educativo (Lei n.º 49/2005 de 30 de Agosto), o 7.º artigo menciona como objetivo do ensino básico “promover a educação artística, de modo a sensibilizar para as diversas formas de expressão estética, detectando e estimulando aptidões nesses domínios” e o 9.º, para o ensino secundário, “facultar aos jovens conhecimentos necessários à compreensão das manifestações estéticas e culturais e possibilitar o aperfeiçoamento da sua expressão artística”. A mesma Lei abrange atividades extraescolares e de tempo livre que “visam, nomeadamente, o enriquecimento cultural e cívico, a educação física e desportiva, a educação artística e a inserção dos educandos na comunidade” e consigna a existência de parcerias entre sistema educativo e outras organizações:

Compete ao Estado promover a realização de actividades extra-escolares e apoiar as que, neste domínio, sejam da iniciativa das autarquias, associações culturais e recreativas, associações de pais, associações de estudantes e organismos juvenis, associações de educação popular, organizações sindicais e comissões de trabalhadores, organizações cívicas e confessionais e outras. (Lei n.º 49/2005 de 30 de Agosto)

Devemos distinguir a educação artística do ensino artístico especializado. Enquanto que este último visa desenvolver, nalguns alunos, competências específicas numa determinada disciplina artística, a educação artística destina-se a todos os cidadãos e deve abranger todas as expressões artísticas. Para Bordeaux e Deschamps (2013), a educação artística “ne devrait avoir d’autre but que de développer la découverte, l’esprit d’ouverture, l’écoute et le respect des autres, la curiosité et l’appétence” (2013, p. 117). Segundo os mesmos autores, “l’éducation artistique relève de la sensibilisation et de la démocratisation de l’accès aux œuvres et aux lieux, et de l’initiation aux pratiques personnelles dans des approches collectives. Son but est l’ouverture et la découverte, non la spécialisation” (2013, p. 22).

Estes autores, Bordeaux e Deschamps (2013), apresentam um referencial da educação artística em três polos: *ver*, *fazer* e *interpretar*. O primeiro polo representa a prática de espectador: consiste no contacto direto com a obra, proporciona uma experiência estética, e a mediação realiza-se pela arte. O polo do *fazer* consiste na prática pessoal num coletivo: é uma prática de ator, proporciona uma experiência artística e a mediação realiza-se através das práticas de expressão e de apropriação. O último polo baseia-se na reflexividade: requer distanciamento crítico, leva a tecer relações com outras experiências culturais e outros campos de saber, é uma prática do sujeito de enunciação, proporciona uma experiência simbólica e a mediação efetua-se através dos saberes, da reflexividade e da atividade discursiva.

Animação Sociocultural e Educação Artística

A animação sociocultural já foi caracterizada como conceito, intervenção, prática social, metodologia de intervenção, função social... (Trilla, 2004). Os seus âmbitos são diversos e para os definir é necessário “ter presente a perspectiva tridimensional respeitante às suas estratégias de intervenção: dimensão etária, espaço de intervenção e pluralidades de âmbitos ligados a sectores de áreas temáticas” (Lopes, 2008, p. 315). Da mesma forma, o perfil do animador sociocultural tem sido sujeito a controvérsias quando se tenta, através da análise da literatura de especialidade, chegar a uma definição unívoca (Simões, 2013). As finalidades visadas pela animação sociocultural, tais como expressas nalgumas definições de animação sociocultural são igualmente das mais variadas, mas podem ser agrupadas em quatro grandes categorias: as que enfatizam a dimensão cultural, a dimensão social, a participação e o associativismo, os aspetos pessoais e educativos (Trilla, 2004).

Mais recentemente, Ventosa propôs conceber a animação sociocultural como:

un proceso que parte de la divergencia de intereses de los sujetos concernidos o convocados, para llegar a la convergencia en torno de un proyecto compartido del que brote la emergencia en forma de nuevos sentidos, experiencias y significaciones que cuestionen el orden existente y propongan nuevas reconfiguraciones del mismo. (2014, p. 25)

Se confrontarmos essa definição com a que é dada na proposta de estatuto apresentada pela Associação Portuguesa para o Desenvolvimento da Animação Sociocultural:

A Animação Sociocultural é o conjunto de práticas desenvolvidas a partir do conhecimento de uma determinada realidade, que visa estimular os indivíduos, para a sua participação com vista a tornarem-se agentes do seu próprio processo de desenvolvimento e das comunidades em que se inserem. A Animação Sociocultural é um instrumento decisivo para um desenvolvimento multidisciplinar integrado dos indivíduos e dos grupos. (APDASC, 2010)

Constatamos que se mantem a ideia de autoconstrução do indivíduo e do seu grupo, mas na definição de Victor Ventosa salienta-se a noção de processo, de construção coletiva através do confronto das subjetividades e de recriação dos significados e do mundo.

A conceção de animação sociocultural de Ventosa (2014) assenta em três pilares. Neste nosso texto, centrar-nos-emos nos dois primeiros: a cultura do diálogo e a primazia da emoção para o acesso à razão. A função do animador seria, então, contribuir para que os membros do grupo com o qual intervêm vivam em comunidade, partilhando projetos socioculturais libertadores das suas potencialidades expressivas, interpretativas e reconfiguradoras da ordem existente.

Para o desempenho de uma tal função, parece-nos que a intervenção centrada em projetos artísticos constitui-se como uma estratégia possível e de privilegiar.

O contacto com a obra de arte, no momento da receção, ocasiona um diálogo entre o criador e o recetor que, sabemos com Umberto Eco, tem um papel muito ativo na criação do significado do apreendido. Eco centrou o seu trabalho na obra literária mas vários são os autores que estabeleceram paralelos com outras linguagens artísticas.

O diálogo entre o artista e o seu público através da obra pode ser enriquecido pela partilha dentro do grupo, pela intersubjetividade das leituras e a reconstrução coletiva do significado da obra vai se constituir como referência comum do grupo. O sentido não é dado à partida mas vai sendo construído pelo diálogo entre as singularidades das leituras. “C’est pourquoi il est devenu nécessaire de ne plus considérer la scène artistique comme une centralité qui se diffuserait mais plutôt comme un espace de transformation réciproque entre ceux qui produisent des formes esthétiques et ceux qui s’en emparent” (Ratier & Innocenti, 2010, p. 103).

O primeiro contacto com a obra de arte será da ordem do sensível, da emoção, no entanto, para a partilha das leituras feitas e do sentido construído serão necessários momentos de interpretação e de reflexão que darão origem a novos conhecimentos, sendo, como sugerido por Ventosa, usada a emoção para aceder à razão. Para Piet-Burguès, a arte não só facilita o acesso ao conhecimento mas pode permitir o acesso à cidadania: “l’art n’a pas vocation à soigner ou à réparer, mais il peut permettre l’accès à la connaissance, il peut permettre de trouver sa place, de s’insérer dans le jeu collectif, de faciliter pour chacun l’accès à sa part de citoyenneté” (2010, p. 70).

Voltando à definição da função do animador dada por Victor Ventosa, torna-se evidente que a arte é um bom veículo para projetos “libertadores das potencialidades expressivas” dos indivíduos e dos grupos. É usual a animação sociocultural fomentar as práticas artísticas amadoras no seio de um coletivo.

Reencontrámos aqui três componentes da educação artística: *ver*, *interpretar*, *fazer*, mas com uma acentuação da dimensão do coletivo. O encontro entre a obra e o indivíduo é único, baseado na singularidade do artista, da sua obra e do sujeito que olha para ela, mas a procura do significado é coletiva e participa da formação da identidade do grupo.

A dimensão social da construção não pode ser restringida a um grupo, uma comunidade fechada sobre si só. As obras e os artistas não poderiam existir sem um conjunto de organizações e redes que os legitimam e lhes conferem o seu valor simbólico.

Propomos, como Henry, acrescentar um quarto pilar da educação artística assente no conhecimento das redes – reais ou virtuais – de produção e difusão artística:

Une découverte des modes de fonctionnement des organisations et réseaux culturels (Organiser-Entreprendre) – qu'ils soient professionnels ou amateurs et sans lesquels les œuvres et les processus n'existent pas- constitue un quatrième vecteur central pour l'enrichissement du parcours culturel de chacun et la possibilité de mieux l'ancrer dans des réalités et des usages contemporains. Elle se fonde sur une initiation aux actions et mises en relation nécessaires pour concevoir et réaliser le moindre projet artistique. (2014, p. 244)

Se a intervenção em animação sociocultural assenta na metodologia de projeto e visa a transformação ou a reconfiguração da ordem existente, então este quarto pilar torna-se fundamental.

Com o desenvolvimento de projetos, respeitando os pilares da educação artística (i) *Fomentar situações de encontro sensível com obras de arte (Ver-Sentir)*; (ii) *Permitir o envolvimento em dispositivos de prática artística (Fazer-Experimentar)*; (iii) *Permitir a reflexão sobre as obras, os artistas e os processos criativos (Interpretar-Refletir)* e (iv) *Permitir a descoberta dos modos de funcionamento das organizações e redes culturais (Organizar-Empreender)*, a intervenção do animador sociocultural enquadra-se, conjuntamente, nas quatro categorias de finalidades apontadas nas diversas definições de animação sociocultural, garante o respeito pela singularidade de cada um e participa da construção de uma identidade coletiva.

Educação Artística e ASC no plano de formação da LASC

Relativamente à análise da inclusão dos pilares de Educação Artística na Licenciatura em ASC tomou-se como referência a oferta formativa do curso da ESELx. Metodologicamente consideraram-se dois planos: um primeiro relativo às propostas curriculares das diferentes UC do curso; e um segundo em que se selecionaram os relatórios finais elaborados no último ano da licenciatura, elaborados na iniciação à prática profissional em contexto. De seguida, apresentamos os resultados da análise desenvolvida em torno do primeiro plano, mais concretamente das Fichas de Unidade Curricular (FUC) do curso.

Analiticamente procurou-se identificar a inclusão expressa da perspetiva de formação no âmbito da Educação Artística nas propostas formativas das várias áreas científicas. Tecnicamente procedeu-se ao levantamento das FUC do curso disponíveis para análise, agrupando-as por área científica. Como critério de distribuição optou-se por recorrer ao plano fixado no documento de registo do curso (Despacho n.º 5037/2013 de 12 de abril), com distribuição das UC por quatro áreas: CSE (Ciências Sociais e da Educação), LL (Línguas e

Literatura), MCT (Matemática, Ciências e Tecnologias e FAD (Formação Artística e Desportiva). Numa primeira etapa contabilizaram-se as FUC que explicitamente enunciam nas suas propostas referências alusivas aos quatro pilares da Educação Artística: (1) *Fomentar situações de encontro sensível com obras de arte (Ver-Sentir)*; (2) *Permitir o envolvimento em dispositivos de prática artística (Fazer- Experimentar)*; (3) *Permitir a reflexão sobre as obras, os artistas e os processos criativos (Interpretar-Refletir)*; e (4) *Permitir a descoberta dos modos de funcionamento das organizações e redes culturais (Organizar-Empreender)*.

Tabela I

Pilares da Educação Artística e ASC por Área Científica das UC da LASC

FUC por área científica			Pilares da Educação Artística e ASC				
Área Científica das UC	Total de FUC analisadas	Nº de FUC com registo de ocorrência	<i>Fomentar situações de encontro sensível com obras de arte (ver-sentir)</i>	<i>Permitir o envolvimento em dispositivos de prática artística (fazer-experimentar)</i>	<i>Permitir a reflexão sobre as obras, os artistas e os processos criativos (interpretar-refletir)</i>	<i>Permitir a descoberta dos modos de funcionamento das organizações e redes culturais (organizar-empreender)</i>	Total
CSE	20	1	2	1	1	3	7
FAD	16	11	25	43	15	8	91
MCT	6	1	0	5	2	0	7
LL	6	1	0	0	1	0	1
Total	48	14	27	49	19	11	106

Fonte: dos autores

A área científica com maior número de registos é, sem surpresa, a FAD com a totalidade das UC analisadas, distinguindo-se entre as FUC da área as que se prendem com o domínio artístico, ou seja, as do domínio desportivo não contribuíram para a contabilização de registos. As UC dos restantes domínios encontram-se muito distanciadadas, com valores residuais. No caso das UC da área das CSE, os registos que contabiliza dizem respeito à UC Seminário de Cultura, Arte e Ciência que embora se inclua neste domínio, segundo o decreto

regulamentador do plano de estudos, curricularmente reúne outras áreas científicas, referindo-se os registos contabilizados à secção assumida pela docência do domínio das FAD. Tendo este facto em consideração, significa que a esmagadora maioria das referências contabilizadas se encontram nas UC da área das FAD (excluindo as UC da área da Educação Física e Desporto), e residualmente apenas duas UC de outros domínios, uma das LL – Literatura de Expressão Portuguesa – e outra da MCT – Oficina Multimédia.

O pilar que reúne globalmente maior número de registos é o que se prende com o *Fazer-Experimental*, mais concretamente, *Permitir o envolvimento em dispositivos de prática artística*. As UC que desenvolvem trabalho curricularmente assente em objetivos e conteúdos que se centram neste conjunto de pilares são essencialmente de natureza prática e teórico-prática. As modalidades de formação são diversas com possibilidade de os estudantes experimentarem, participarem e desenvolverem dispositivos de prática artística, variando entre etapas de iniciação, mais associadas à descoberta e exploração, e etapas de finalização e de concretização, com envolvimento/participação na conceção de dispositivos de prática artística.

Ainda no domínio das práticas mais centradas no contacto direto com as Artes, o pilar relativo ao *Ver-Sentir, Fomentar situações de encontro sensível com obras de arte*, posiciona-se na segunda posição. Nas propostas formativas analisadas (FUC) o contacto com as obras de arte assume diferentes modalidades, dividindo-se entre modalidades que se associam curricularmente a proposta de formação associadas ao anterior pilar, fazer-experimentar, e modalidades que se prendem com o *Interpretar-Refletir, Permitir a reflexão sobre as obras, os artistas e os processos criativos* (19).

Menos representativas são as circunstâncias curriculares que se direcionam em *Permitir a descoberta dos modos de funcionamento das organizações e redes culturais* (11), contudo fortemente alicerçadas em experiências de exploração e análise de obras (nomeadamente arquitetónicas) e instituições (inscritas em redes culturais).

Esta análise das FUC evidencia uma forte presença (explícita) da Educação Artística na proposta formativa das UC da Licenciatura em ASC da ESELx, com particular incidência nas UC das FAD. A distribuição dos registos por pilares da Educação Artística, sobretudo nas UC teórico-práticas, é demonstrativa das diversas modalidades de operacionalização curricular da componente prática, que o plano de estudos da licenciatura em análise propõe. O particular enfoque nos pilares associados ao *Fazer-Experimental* e *Ver-Sentir* é ilustrativo da forte presença dessa componente prática na formação dos animadores socioculturais em geral, e na Educação Artística em particular.

Tabela 2

Pilares da Educação Artística e ASC por Objetivos e Conteúdos das UC da LASC, por Área Científica

Área Científica das UC		Pilares da Educação Artística e ASC				
Objetivos e Conteúdos		Fomentar situações de encontro sensível com obras de arte (ver-sentir)	Permitir o envolvimento em dispositivos de prática artística (fazer-experimentar)	Permitir a reflexão sobre as obras, os artistas e os processos criativos (interpretar-refletir)	Permitir a descoberta dos modos de funcionamento das organizações e redes culturais (organizar-emprender)	Total
CSE	Objetivo	0	0	0	2*	2
	Conteúdo	2*	1*	1*	1*	5
FAD	Objetivo	11	19	9	4	43
	Conteúdo	14	24	6	4	48
MCT	Objetivo	0	3	2	0	5
	Conteúdo	0	2	0	0	2
LL	Objetivo	0	0	0	0	0
	Conteúdo	0	0	1	0	1
Total		27	49	19	11	106

Fonte: dos autores

Legenda : *) os registos contabilizados referem-se à UC Seminário de Cultura, Arte e Ciência, que embora se inclua nas CSE, reúne outras áreas científicas, referindo-se os registos contabilizados ao domínio das FAD.

A análise das FUC permite assim identificar a coerência entre os enunciados gerais do curso e o perfil profissional pretendido dos diplomados, no que se prende com o desenvolvimento de competências para intervenção em ASC, e as propostas de formação expressas nas FUC, as quais integram, com graus diferente de aprofundamento, os quatro pilares da educação artística.

Educação Artística e ASC na iniciação à prática profissional

No intuito de verificar a mobilização, na prática de animadores socioculturais, das dimensões identificadas anteriormente como fundamentais para garantir a presença da Educação Artística na formação destes profissionais, foram analisados na totalidade (27) os relatórios de estágio curricular redigidos pelos estudantes finalistas, tanto da turma diurna como pós-laboral, do curso de licenciatura em Animação Sociocultural da ESELx, no ano letivo de 2014-2015. Estes relatórios incidem sobre o trabalho de conceção, implementação, monitorização e avaliação de um projeto de intervenção em animação sociocultural e são construídos a partir de um guião fornecido pela equipa de docentes tutores de estágio. Para o presente artigo, foram consideradas as partes dedicadas à apresentação dos objetivos e das estratégias definidas para o projeto. Os enunciados foram categorizados segundo as quatro dimensões da educação artística.

Após uma primeira leitura dos resultados, podemos constatar (cf. Tabelas 3 e 4) que:

- i. As tendências evidenciadas são idênticas nas duas turmas.
- ii. A grande maioria dos estudantes mobilizou na conceção do projeto, pelo menos uma das dimensões anteriormente identificadas. Só um relatório em cada turma não apresenta nenhuma das dimensões da educação artística, nem como objetivo, nem como estratégia.
- iii. A dimensão mais presente nos relatórios é a que implica a prática como amador de uma atividade de produção artística, no domínio do *Fazer-Experimental*.
- iv. A diferença de presença entre a dimensão do *Fazer-Experimental* e as outras (*Ver-Sentir*, *Interpretar-Refletir* e *Organizar-Empreender*) é muito elevada.
- v. As dimensões da educação artística são muito mais frequentemente enunciadas nas estratégias de que nos objetivos.

Tabela 3

Número de relatórios com ocorrências por dimensões

Turma	Dimensões				
	<i>Fomentar situações de encontro sensível com obras de arte (ver-sentir)</i>	<i>Permitir o envolvimento em dispositivos de prática artística (fazer-experimentar)</i>	<i>Permitir a reflexão sobre as obras, os artistas e os processos criativos (interpretar-refletir)</i>	<i>Permitir a descoberta dos modos de funcionamento das organizações e redes culturais (organizar-emprender)</i>	Nenhuma
Diurna	4	8	3	3	1
Pós-laboral	3	13	3	1	1
Total	7	21	6	4	2

Fonte: dos autores

É muito interessante constatar que, em todos os documentos analisados (tanto nas FUC como nos relatórios), os números de ocorrências por dimensão se ordenam da mesma forma, sendo a mais presente a que permite o envolvimento em dispositivos de prática artística (49 ocorrências nas FUC e 30 nos relatórios). Em segundo, encontra-se a dimensão que visa fomentar situações de encontro sensível com obras de arte (27 ocorrências nas FUC e 11 nos relatórios), em terceiro, permitir a reflexão sobre as obras, os artistas e os processos criativos (19 ocorrências nas FUC e 8 nos relatórios) e finalmente, permitir a descoberta dos modos de funcionamento das organizações e redes culturais (11 ocorrências nas FUC e 7 nos relatórios). Podemos emitir a hipótese que os estudantes reproduzem as suas vivências do seu período formativo e que a decisão dos formadores em privilegiar uma das dimensões não será sem consequências.

Tabela 4

Referências às dimensões da educação artística nos objetivos e estratégias definidos nos relatórios

Relatórios	Dimensões				Total
	Fomentar situações de encontro sensível com obras de arte (ver-sentir)	Permitir o envolvimento em dispositivos de prática artística (fazer-experimentar)	Permitir a reflexão sobre as obras, os artistas e os processos criativos (interpretar-refletir)	Permitir a descoberta dos modos de funcionamento das organizações e redes culturais (organizar-emprender)	
Objetivos	3	10	2	4	19
Estratégias	8	20	6	3	37
Total	11	30	8	7	56

Fonte: dos autores

Enquanto os autores supracitados defendem que a educação artística só se torna efetiva quando as três (Bordeaux e Deschamps, 2013) ou as quatro (Henry, 2014) dimensões estão simultaneamente presentes num projeto, nos relatórios analisados, 14 projetos integram uma só dimensão, nove projetos integram duas dimensões e apenas duas concretizam simultaneamente três dimensões.

Analisando os sete relatórios com a ocorrência da dimensão *Fomentar situações de encontro sensível com obras de arte*, podemos constatar que quatro projetos foram desenvolvidos numa instituição de acolhimento de estágio que tem por missão a divulgação cultural (museus, biblioteca). Dois destes quatro projetos não mobilizam mais dimensões e dois mobilizam também a dimensão de *Organizar-Emprender*. Os objetivos definidos pelos alunos, nestes projetos, assentam numa perspectiva de democratização da cultura visando dar acesso a produtos culturais legitimados a um maior número de pessoas. O projeto que não foi desenvolvido numa instituição de divulgação cultural mas sim numa junta de freguesia integra também a dimensão do *Fazer-Experimentar* e visa a participação cidadã na vida da comunidade na qual está inserido o indivíduo. Os outros dois casos envolvem uma terceira dimensão e serão analisados ulteriormente.

Todos os seis relatórios que incluem a dimensão de *Interpretar-Refletir* cruzam esta dimensão com pelo menos uma outra, sempre o *Fazer-Experimentar*. A maior parte dos projetos desenvolvidos (quatro em seis) prossegue objetivos que enfatizam o desenvolvimento pessoal

e foi implementada junto de população mais vulnerável. Através das atividades artísticas, os animadores socioculturais em formação, nos seis projetos aqui referidos, pretendem capacitar as pessoas com as quais intervêm e fomentar a sua participação ativa. Podemos citar, como exemplo, um objetivo recolhido nos relatórios em análise: “Aumentar a participação das pessoas com deficiência na vida cultural”.

Um dos projetos cruza a dimensão do *Organizar-Empreender* com a do *Fazer-Experimentar*, foi desenvolvido numa autarquia. Com a sua intervenção, o animador sociocultural em formação pretendia reforçar a integração dos jovens na comunidade deles e a sua participação ativa no território.

Como já referimos dois relatórios cruzam 3 das 4 dimensões. Num caso, trata-se das dimensões *Ver-Sentir*, *Fazer-Experimentar* e *Organizar-Empreender*, no segundo, são *Ver-Sentir*, *Fazer-Experimentar* e *Interpretar-Refletir*.

O primeiro projeto cita na página de rosto: “O animador não é nunca, pelo menos na qualidade de profissional, um artista, mas sim um indivíduo que sabe reconhecer e valorizar as várias linguagens artísticas como um meio” (Santos, 2012, p.128). Este projeto visava a criação de sinergias entre várias organizações implementadas num mesmo território e a abertura, sobre a comunidade, da instituição de acolhimento. De salientar que as parcerias realizadas envolveram artistas usando linguagens diversificadas e organizações de naturezas igualmente diversificadas, algumas com fins lucrativos. Foi, portanto, através da arte que estas organizações tiveram oportunidade de partilhar as suas representações do mundo, com mostra respetiva das suas produções artísticas, e ir construindo uma identidade coletiva. Os interesses de cada parceiro foram respeitados, todos participaram na criação “du commun à partir de multiples singularités” e na invenção “d’un nouvel enchâssement de l’économique dans le social et le culturel et non l’inverse” (Henry, 2014, p.39).

O segundo projeto foi desenvolvido com um grupo de refugiados e trazia na sua essência o intuito de permitir a cada um (i) conhecer e compreender a identidade do grupo de acolhimento (sociedade portuguesa), através de visitas e observação de obras de arte diversificadas (arquitetura, música, ...); (ii) interpretar e dar significado às obras observadas, com a elaboração de registos fotográficos e textos descritivos, em diversas línguas e (iii) construir uma representação partilhada da realidade envolvente, com a elaboração de um livro a partir dos registos efetuados.

Dos relatórios analisados, constatámos que o maior número de dimensões da educação artística presentes no projeto e a inclusão da dimensão reflexiva que proporciona uma experiência simbólica aproxima a intervenção do animador sociocultural da sua função.

Notas conclusivas

Tendo como referência as quatro categorias de finalidades da animação sociocultural e os quatro pilares da formação em educação artística identificados, procedeu-se à análise das FUC e dos relatórios produzidos no âmbito da iniciação à prática profissional em contexto. As grandes finalidades desta análise centram-se na relevância de compreender o papel que os animadores socioculturais podem desempenhar na educação artística e o reconhecer o trabalho realizado na formação de animadores socioculturais na Escola Superior de Educação de Lisboa neste domínio.

Embora seja importante sublinhar, tendo em conta as finalidades enunciadas da animação sociocultural, que a educação artística não se configura com um fim em si mesmo, é reconhecido e valorizado o significado que ela pode assumir em diferentes contextos de intervenção da ASC. Só assim é possível explicar, primeiro, a sua forte presença na formação teórico-prática proporcionada através das UC disponibilizadas na licenciatura; segundo, o lugar que ocupa em muitos dos projetos de intervenção desenvolvidos no âmbito da iniciação à prática profissional.

Constatando-se a presença simultânea de várias dimensões num mesmo projeto, importa realçar que tal incorpora valor acrescentado não só para uma autêntica educação artística (Bordeaux e Deschamps, 2013, Henry, 2014), mas também para o animador sociocultural desempenhar a sua função (Ventosa, 2014).

Coerente com o plano de formação da ESELx, o trabalho realizado pelos estudantes nos contextos onde intervêm tem privilegiado dois dos pilares da educação artística, *Fazer-Experimental* e *Ver-Sentir*, traduzindo assim algumas das especificidades das práticas dos animadores socioculturais e das suas preocupações, nomeadamente, garantir a presença da dimensão social, promover a participação dos envolvidos e promover também o desenvolvimento pessoal e social.

No entanto há ainda um caminho a percorrer realçando-se a necessidade de reforçar a integração da formação artística dos animadores socioculturais no que é a sua função e nas finalidades e metodologias de intervenção que lhes conferem a sua especificidade. Também é reconhecido, pela análise efetuada, tornar mais explícita a importância que assume a presença das dimensões reflexivas na formação e na intervenção em ASC (Dias, Campos, Vohlgemuth, & Martins, 2015), as quais poderão contribuir para que os pilares da educação artística, *Interpretar-Refletir* e *Organizar-Empreender*, ganhem um novo espaço.

Talvez assim seja possível ao animador sociocultural passar da cultura do diálogo ao diálogo entre culturas e, ainda, aceder à razão através da emoção como um pequeno passo no sentido da transformação social.

Referências

- APDASC. (2010). *Estatuto do animador sociocultural*. Obtido em 26 de 10 de 2015, de http://www.apdasc.com/info/ver_pagina.php?id=20
- Bordeaux, M. C., & Deschamps, F. (2013). *Education artistique, l'éternel retour?* Toulouse: Editions de l'Attribut.
- Caune, J. (2005). *La politique culturelle initiée par Malraux*. Obtido em 22 de 7 de 2014, de <http://www.espacestemps.net/en/articles/la-politique-culturelle-initiee-par-malraux-en/>
- Centeno, M. J. (2008). *A política cultural em Portugal na entrada do novo século*. Obtido em 26 de 10 de 2015, de http://conferencias.ulusoфона.pt/index.php/sopcom_iberico/sopcom_iberico09/paper/viewFile/235/206
- Dias, A., Campos, J., Vohlgemuth, L., & Martins, C. (2015). Educação para o Desenvolvimento e a Formação em ASC na ESE de Lisboa. *Cooperação, Desenvolvimento e Futuro*. APDASC.
- Direção-Geral da Educação. (s.d.). *Educação artística*. Obtido de <http://www.dge.mec.pt/noticias/educacao-artistica/portal-das-experiencias-culturais-itinerarios-para-uma-biografia>
- Governo de Portugal. (s.d.). *Portal do Cidadão*. Obtido em 29 de 09 de 2015, de <http://www.portugal.gov.pt/pt/o-governo/arquivo-historico/governos-constitucionais/gc19/primeiro-ministro/pm/secretarios-de-estado/sec/sobre-o-secretario-de-estado-da-cultura.aspx>
- Heinich, N. (1998). *Ce que l'art fait à la sociologie*. Paris: Editions de Minuit.
- Henry, P. (2014). *Un nouveau référentiel pour la culture?* Toulouse: Editions de l'Attribut.
- Lopes, M. d. (2008). *Animação sociocultural em Portugal*. Amarante: Intervenção- Associação para a Promoção e Divulgação Cultural.
- Piet-Burguès, C. (2010). L'art à la marge constitue-t-il un enjeu de société? In F. Liot (coord.), *Projets culturels et participation citoyenne* (pp. 69-72). Paris: L'Harmattan.
- Ratier, J.-P. & Innocenti, L. (2010). Qu'est-ce qu'une action culturelle appropriée? In F. Liot (coord.), *Projets culturels et participation citoyenne* (pp. 99-114). Paris: L'Harmattan.
- Simões, A. (2013). Educação de adultos e animação sociocultural: um percurso cruzado? Os testemunhos dos animadores socioculturais recém-formados. In C. C. Alves, *Atas do VI Seminário Luso-Brasileiro Educação, Trabalho e Movimentos Sociais – das políticas às*

lógicas de ação (páginas do texto): IE-UL ISBN: 978-989-98314-4-5. (pp. 682-692). Lisboa: IE- UL.

Trilla, J. (2004). Conceito, exame e universo da animação sociocultural. In J. Trilla (coord.), *Animação sociocultural: Teorias, programas e âmbitos* (pp. 19-44). Lisboa: Piaget.

Ventosa, V. J. (2014). Un nuevo enfoque de la ASC como didáctica de la participación orientada a desarrollar la cultura participativa a través de la participación en la cultura. In A. Fontes, J. G. Sousa, & M. S. Lopes, *Da participação na cultura à cultura da participação* (pp. 14-28). Leiria: RIAP- Associação Rede Iberoamericana de Animação Sociocultural.